

DOSSIÊ

O OUTRO, O URBANO E O IMAGÉTICO: notas sobre imagem e alteridade na prática compartilhada da fotografia de rua

*Julia Maria Paredes**
*Luciana Ribeiro de Oliveira***

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a articulação entre etnografia, fotografia de rua e alteridade em contextos urbanos. Partindo do campo das urbanidades, discute-se a cidade como espaço processual, continuamente produzida pelas práticas cotidianas, deslocamentos e narrativas dos sujeitos que a habitam. Ao incorporar a fotografia de rua como sensibilidade etnográfica, a imagem não atua apenas como registro do urbano, mas também como linguagem narrativa de fabulação capaz de produzir sentidos e experiências compartilhadas. A partir da noção de devir-imagético, analisa-se a fotografia como um processo aberto, atravessado por imaginação, agência e contingência, no qual a alteridade se constrói na relação entre pesquisadora, interlocutores e cidade. Por fim, enfatizamos a fotografia compartilhada como deslocamento epistemológico que amplia as formas de representação do Outro e tensiona as hierarquias tradicionais, propondo a imagem como espaço de coprodução narrativa e de experiência etnográfica.

Palavras-chaves: etnografia urbana; fotografia de rua; alteridade; devir-imagético

* Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Campus I, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: jumaparedes12@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9733-9998> CrediT: Conceitualização, Metodologia e Escrita do Rascunho original.

** Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Departamento de Ciências Humanas. Campus IV, Rio Tinto, Paraíba, Brasil. E-mail: tialulucaribeiro@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0387-1186> CrediT: Conceitualização, Metodologia e Revisão do Texto Original

INTRODUÇÃO

A pesquisa de campo produz diferentes efeitos que, quando assimilados por meio de sensibilidades etnográficas específicas, possibilitam a construção de representações narrativas acerca das composições e circunstâncias de um dado contexto. Essas representações, por sua vez, incidem numa criação necessariamente imaginativa da realidade etnográfica, o que acaba por inscrever a etnografia enquanto uma prática que pode ser composta por diferentes visualidades. Na etnografia de rua, elaborada em contextos de pesquisas em cidades e espaços urbanos, a condição imaginativa é, por excelência, imagética, uma vez que a cidade é compreendida enquanto um campo de produção de sentidos e de narrativas que são em sua maioria construídas visualmente, contexto que possibilita pensar a criação de imagens e fotografias enquanto uma prática de representação e narração da urbe.

A cidade tem ocupado um lugar central nas reflexões da antropologia contemporânea, se configurando não apenas como um cenário onde a vida social se desenrola, mas como instância ativa na produção de experiências e formas de sociabilidade. Na antropologia brasileira, os estudos urbanos constituíram um campo fecundo de debates teóricos e metodológicos que problematizam as condições de produção do conhecimento etnográfico, seja pela pesquisa em contextos de proximidade, pela circulação e/ou pela multiplicidade de regimes de visibilidade. Este cenário que impulsiona as pesquisas em cidades a exigirem um contínuo exercício de revisão de suas categorias analíticas e, sobretudo, de seus modos de narrar o Outro.

A complexidade da vida urbana impõe à etnografia um desafio específico: lidar com fenômenos que se constituem no fluxo, na mobilidade e na copresença de sujeitos que compartilham espaços, ritmos e contingências. Diferentemente de contextos etnográficos marcados pela distância espacial ou simbólica, a cidade se apresenta como um campo saturado por aparentes familiaridades, atravessada por disputas de sentido, múltiplas narrativas e experiências que se atualizam cotidianamente.

Nesse cenário, a alteridade não se oferece como dado evidente, mas como construção relacional produzida entre a pesquisadora e os interlocutores, ambos implicados na mesma ambiência citadina. É nesse horizonte que a antropologia urbana tem se debruçado sobre o cotidiano citadino como um campo privilegiado de observação e análise. A urbe torna-se, então, um espaço produzido pelo cotidiano dos sujeitos que a percorrem, onde as narrativas urbanas emergem das experiências vividas e compartilhadas no dia a dia, configurando múltiplas versões da cidade.

Uma vez que grande parte dessas experiências urbanas é mediada por visualidades e representações construídas e elaboradas cotidianamente, essa operação assume caráter particularmente imagético, propício para a criação visual ou mesmo fotográfica. É a partir dessa constatação que este artigo se propõe a refletir sobre o lugar da imagem, e mais especificamente da fotografia de rua, na construção da etnografia urbana. O debate sobre imagem e antropologia certamente não é novo, mas adquire contornos específicos quando deslocado para o campo das urbanidades, que nos propulsiona a pensar a etnografia como um fazer situado, atravessado por escolhas narrativas, políticas e epistemológicas. Nesse contexto, em que as práticas imagéticas oferecem possibilidades singulares de apreensão antropológica, as próprias condições de produção da alteridade no trabalho de campo se reconfiguram.

A fotografia de rua, modalidade apresentada neste artigo como metodologia etnográfica inerente à pesquisa e ao estudo de contextos citadinos, fabrica visualidades que narram as inscrições do sujeito nos espaços urbanos. Assim, constitui uma forma de fabulação antropológica que insere

um novo modo de escrever e compreender a cidade por meio de imagens das experiências nela vividas, ao mesmo tempo que tensiona as fronteiras da autoridade etnográfica e da narração e da contextualização do campo e dos dados sensíveis.

Ao ser mobilizada como aparato de construção da representação de experiências urbanas que surgem da relação entre a antropóloga e seus interlocutores, a fotografia de rua sugere um processo de cocriação visual atravessado pelo compartilhamento de imagens. Este compartilhamento pode ocorrer desde o momento de sua criação e é marcado pela atualização das relações de alteridade e de negociações de sentido. Ao envolver os sujeitos da pesquisa na produção de imagens, reconhece-se sua agência narrativa e sua potência de autorrepresentação, deslocando as hierarquias tradicionais da produção do conhecimento antropológico. Mais do que uma técnica participativa, a fotografia de rua e seu exercício compartilhado são entendidos neste estudo como um deslocamento epistemológico.

Ao compartilhar a produção imagética, a etnografia passa a operar em um regime em que a imagem não pertence exclusivamente a quem fotografa nem a quem é fotografado, mas emerge da relação estabelecida entre ambos. Argumentamos, por fim, que a fotografia de rua, quando incorporada à prática etnográfica em contextos urbanos, não apenas amplia as possibilidades narrativas da antropologia, mas também reconfigura seus modos de apreender e de representar o Outro. A cidade emerge, assim, como campo imagético num devir permanente, no qual sujeitos, imagens e experiências se constituem simultaneamente. Ao explorar essa articulação entre etnografia e rua, fotografia e alteridade, o texto propõe pensar a imagem como forma de conhecimento, a prática fotográfica como sensibilidade etnográfica e a alteridade como relação viva, construída no encontro e na partilha da experiência urbana.

CIDADE EM FOCO, RUA EM PERSPECTIVA

O campo das urbanidades revela um extenso repertório teórico e conceitual que preenche a antropologia brasileira de referências sobre os saberes e fazeres da pesquisa etnográfica em cidades. Desde a clássica inventividade de Velho (1978) no conjunto de reflexões que surgem da ação de “observar o familiar” ao pesquisar em contextos urbanos de aparente proximidade, até as aproximações e distanciamentos elaborados por Magnani (2002) em sua proposição de olhar “de perto e de dentro” na confecção de etnografias citadinas, os percursos metodológicos das pesquisas em cidades têm se desenvolvido de modo a ancorar diferentes abordagens e possibilidades na construção da alteridade entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa.

Essa constante reflexão e reconfiguração da prática etnográfica no contexto urbano é impulsionada pelo próprio processo de produção da pesquisa em cidades. Isto ocorre porque as dinâmicas dos fenômenos urbanos e as múltiplas expressões da experiência citadina atravessam substancialmente a realidade e a vida social. Consequentemente, cria-se a demanda de reconstrução completa de categorias pré-estabelecidas pela imaginação antropológica sobre a urbe e os sujeitos que a preenchem. A cidade deixa de ser apenas o cenário onde a vida acontece e passa a ser compreendida como uma arena simbólica e política, que é complexa e heterogênea, formada por diferentes redes de sociabilidade e interações entre os sujeitos, nas quais estes estão constantemente produzindo e construindo diferentes narrativas.

Essas narrativas são confeccionadas no contexto mais ordinário da vida urbana: o cotidiano. Seja através de movimentos tipicamente corriqueiros, como transitar e deslocar-se pela cidade, até às

ocupações políticas dos espaços urbanos e seus usos e contra-usos, a cidade sobre a qual tem-se elaborado nos estudos urbanos diz respeito a um espaço multifacetado. Este espaço é simultaneamente espacializado ao passo em que é praticado, premissa para a qual Certeau (1994) chama a atenção ao considerar que as táticas e estratégias cotidianas de habitar, consumir e transitar pela cidade são o que a faz se espacializar. À luz desse panorama, a etnografia urbana toma forma justamente a partir da compreensão desses movimentos e sentidos produzidos cotidianamente pelos sujeitos e suas diferenças, em que a antropóloga apreende, apresenta e narra sua situação etnográfica a partir das representações citadinas construídas coletivamente.

Em outras palavras, as formas como os sujeitos vivem e fazem a cidade desde suas expressões mais cotidianas e particulares são os meios através dos quais podemos percebê-la enquanto categoria de análise antropológica. Uma “cidade bis”, nos termos de Agier (2015), desenhada e formulada a partir de múltiplas práticas e relações que se ramificam e se representam por meio dos diferentes movimentos dos sujeitos, encapsulados por narrativas de referência sobre o que é, como se faz e como se vive nos espaços urbanos. É essa a tônica presente nas representações sobre a urbe: um conjunto de experiências distintas vivenciadas e, principalmente, narradas que revelam os sentidos produzidos no cotidiano urbano. A compreensão dessas narrativas urbanas dos sujeitos é o que, enfim, possibilita a construção do fazer etnográfico nas urbanidades.

A percepção antropológica da vida citadina é permeada pela constante apreensão das representações de cidade bis que dão sentido à experiência urbana do sujeito e que, grosso modo, constituem-se como artefatos imaginativos. Isto se dá porque é somente por meio da mobilização imaginativa (ou mesmo imagética) que a representação se torna uma narrativa (Strathern, 1990) com a qual a etnógrafa se depara para construir e modelar os dados sensíveis de sua pesquisa. Não se trata apenas de um esforço de representar categorias observadas e produzidas em campo; trata-se também de reformular estratégias de aproximação e de compreensão de como os sujeitos representam a si e entre si nas dinâmicas urbanas que os atravessam.

Nesse sentido, a construção do Outro na antropologia urbana passa por frequentes reelaborações a partir do exercício de modelar metodologias e procedimentos etnográficos, junto às narrativas que compõem as representações dos sujeitos sobre a cidade. Esta construção atualiza o trabalho de campo ao sugerir uma sensibilidade etnográfica que se assenta na possibilidade imaginativa de criar uma apresentação sobre o Outro. Esta nova apresentação considera formas inventivas e estratégias de representação do contexto urbano e de suas diferenças singulares evidenciadas na vida cotidiana das pessoas.

Aqui considera-se que a experiência urbana, constantemente sedimentada na urbe, é convertida em narrativa, de modo a situar e elaborar as referências de cidade a partir das apropriações que os sujeitos fazem de seus próprios repertórios cotidianos. Partindo desse pressuposto, a formulação dos meios de criação dessa narração é parte substancial do trabalho etnográfico, uma vez que é essa narrativa (ou melhor, é o conjunto dessas narrativas) que constitui a representação do Outro citadino.

Em outras palavras, defendemos que a forma de narrar a cidade e o Outro na etnografia urbana é extremamente importante para elaborar o conhecimento antropológico sobre a cidade. Há múltiplas formas de representar e escrever o urbano, uma “escrita” aqui pontilhada por imagens fotográficas. Para tanto, a noção de visualidade propõe conceber a cidade como produtora de sentidos, que se expressam nas narrativas que o sujeito constrói para significar sua própria experiência urbana, constituindo a vivência citadina também um processo em devir-imagético (Gonçalves e

Head, 2009). Este devir-imagético, ao ser interpelado pela etnografia, possibilita novas formas de interpretação por meio da imaginação e da criação de imagens. No entanto, surge um questionamento fundamental: como manejar as formas de narrar imageticamente a cidade e o Outro em face do que se observa e se produz em campo?

Nossa proposição para tal questão remonta a uma prática de pesquisa elaborada primeiramente por Eckert e Rocha (2013): a etnografia de rua. Pensada como metodologia de pesquisa em contextos citadinos, a etnografia de rua consiste no desenvolvimento sistemático de uma série de observações e narrações. Estas são confeccionadas a partir da investigação de espaços urbanos e deslocamentos da antropóloga por territórios e locais da cidade. Técnica de pesquisa completamente pautada no intenso movimento do corpo, a etnografia de rua é um “desafio de experimentar a ambiência das cidades” (Eckert e Rocha, 2013, p. 4). Permite concatenar os movimentos e sentidos que se colocam no horizonte etnográfico ao propor uma apropriação dinâmica da vida citadina pelo deslocamento e, principalmente, pelas interações que surgem a partir deste deslocamento.

Etnografar a rua significa envolver-se com esta do modo mais costumeiro possível: transitando e observando o que se revela nessa circulação. Além disso, observa-se como o Outro se constrói também em movimento; como sujeito transeunte que toma a cidade por meio de uma série de mobilidades desenhadas e percorridas por trajetos cotidianos distintos. A circulação cotidiana do sujeito é, por excelência, o objeto de investigação da etnografia de rua e, no bojo de sua construção, as representações e narrativas imagéticas do sujeito são notadamente confeccionadas e elaboradas por e através dessas andanças.

Em seu sentido prático, a etnografia de rua se constrói a partir da experiência urbana, o que pressupõe que o próprio percurso etnográfico do deslocamento pode se configurar como um processo imagético. Nesse sentido, Eckert e Rocha (2013) afirmam que a experiência etnográfica na rua é completamente possível por meio da introdução de elementos audiovisuais, como a câmera fotográfica. Chegamos, então, à amálgama da discussão presente neste artigo: a etnografia de rua e a pesquisa em contextos urbanos (enquanto exercício sensível e imaginativo que tensiona a prática etnográfica) encontram uma possível multiplicidade narrativa quando executadas junto à fotografia de rua como gesto metodológico.

Ao inserir a câmera no fluxo da rua, a etnógrafa não apenas registra cenas, corpos e situações, mas também se implica em um regime específico de atenção e presença, no qual fotografar torna-se uma operação narrativa. A fotografia de rua não se reduz a um dispositivo técnico de coleta de dados visuais, mas se configura como um modo de fabulação etnográfica, um fazer-imagem que produz sentidos, articula temporalidades e elabora narrativas imagéticas urbanas. Longe de ser apenas um exercício de registro de campo, a fotografia de rua aqui é compreendida como uma modalidade de representação do contexto etnográfico e de construção do conhecimento antropológico sobre a cidade. Fotografar a rua é, portanto, uma forma de escrever com luz e sombras as experiências urbanas, compondo fragmentos visuais que condensam afetos, ritmos, tensões e ambivalências do cotidiano citadino.

Mais do que um estilo fotográfico, pensamos aqui a fotografia de rua como uma prática etnográfica que opera no limiar entre observação e imaginação, entre presença e invenção. Cada imagem produzida resulta de um encontro contingente entre o corpo da pesquisadora e as materialidades da cidade, instaurando uma cena relacional que envolve escolhas estéticas, éticas e epistemológicas. O ato fotográfico assume sua condição situada e subjetiva, revelando-se como narrativa visual da

experiência urbana vivida. Nesse processo, a imagem aguça a percepção da rua, desacelera o olhar, refina a escuta visual e potencializa a atenção aos detalhes ordinários que, muitas vezes, escapam às descrições verbais.

A imagem, assim, emerge como um campo de condensação da experiência etnográfica, em que o visível não é dado, mas construído na relação entre quem olha, quem é olhado e o espaço compartilhado. A fotografia de rua permite ainda tensionar as fronteiras entre representação e autor-representação. Ao mesmo tempo em que produz imagens sobre os Outros que habitam e fazem a cidade, a pesquisadora elabora, conscientemente ou não, imagens de si, de seus percursos, interesses, afetos e posições no espaço urbano. Cada fotografia carrega, portanto, uma inscrição narrativa sobre a cidade e uma inscrição subjetiva de quem a fotografa, configurando um arquivo imagético que fala tanto da alteridade quanto da experiência singular de pesquisar a urbe.

Ao fabular a cidade por meio de imagens, a antropologia urbana amplia seu repertório narrativo e metodológico, incorporando a visualidade como linguagem constitutiva da experiência cidadina. A rua, convertida em campo imagético, torna-se espaço de invenção etnográfica, onde o cotidiano é continuamente reencenado em fragmentos visuais que articulam memória, imaginação e experiência. Desse modo, a fotografia de rua não apenas documenta a vida urbana; também participa ativamente da produção de sentidos sobre ela, operando como ferramenta de análise, forma de escrita e dispositivo de reflexão sobre os modos de fazer-cidade e de fazer-se na cidade. É nesse horizonte que se inscreve a potência da fotografia de rua na pesquisa etnográfica como prática sensível de criação de imagens e narrativas imagéticas que colocam em circulação as múltiplas formas de representar a experiência urbana, num exercício radical de alteridade.

ALTERIDADE EM EXERCÍCIO NA PRODUÇÃO DAS FOTOGRAFIAS DE RUA

A representação do Outro na construção da etnografia é um processo gerador de debates e reinterpretções desde a década de 1980, quando novas críticas e proposições sobre os modos de apresentação do trabalho antropológico e de escrita etnográfica surgem em vias de argumentar percepções distintas e inovadoras sobre alteridade e subjetividade (Clifford e Marcus, 1986; Marcus e Cushman, 1982; Fabian, 1983). Muito mais do que uma prática descritiva que propõe apresentar o campo e seu contexto, a etnografia passa a ser compreendida como um empreendimento reflexivo e situado, atravessado por escolhas epistemológicas que incidem diretamente sobre as formas pelas quais o Outro é tornado inteligível no texto antropológico, um campo de mediações no qual a escrita opera como prática de autoria, tradução e negociação de sentidos.

Essa reapropriação da etnografia desloca o foco da pretensa objetividade descritiva para a explicitação das condições de produção do conhecimento, evidenciando a posição da antropóloga, os regimes de autoridade etnográfica e as assimetrias implicadas na relação com o campo. Nesse movimento, abre-se espaço para pensar a construção do Outro para além da centralidade da escrita, incorporando outras linguagens e formas de representação como modos legítimos de produzir e comunicar o conhecimento antropológico.

O Outro urbano não se apresenta como uma entidade fixa ou distante, mas como um sujeito em constante movimento (Jacques, 2012). A alteridade urbana se constrói na proximidade, na copresença e na partilha dos espaços e da produção destes, exigindo da etnografia estratégias sensíveis capazes de apreender essa condição relacional e processual. É nesse horizonte que podemos pensar sobre a descentralização da escrita como meio principal de representação do Outro e con-

siderar outras formas de representação, especialmente as audiovisuais, como possibilidades de construção etnográfica.

As imagens tornam-se arenas próprias para a elaboração das alteridades, proposição defendida por Gonçalves e Head (2009). Os autores afirmam que as mídias audiovisuais são particularmente apropriadas para salientar e apresentar as diferenças do contexto etnográfico. Elementos capazes de tensionar, complexificar e expandir as narrativas etnográficas, essas mídias elaboram deslocamentos teóricos e metodológicos que se inscrevem no debate sobre a representação do Outro por meio de práticas imagéticas que reconfiguram as próprias condições de produção de alteridade no trabalho de campo. Ao operar por meio das visualidades, a etnografia passa a lidar com formas de representação que preservam a densidade sensível das situações vividas, incorporando gestos, ritmos, espacialidades, afetos e diferenças que escapam à linearidade da escrita. O Outro não é reduzido a um objeto de descrição, mas apresentado como sujeito situado, implicado em relações e experiências compartilhadas.

Tendo isso em vista, a fotografia de rua se inscreve como um modo privilegiado de narrar a alteridade urbana, articulando experiência, visualidade e narrativa em um campo aberto e plural, constantemente refeito no fluxo da vida cidadina. Ao narrar cenas urbanas, a fotografia de rua constrói múltiplas representações imagéticas do campo, compondo um universo denso de visualidades que traduzem experiências vividas na cidade. A narração da travessia urbana, quando constituída por meio de narrativas fotográficas, demonstra essa aparente indissociabilidade entre a cidade, os movimentos e as imagens, uma vez que a travessia se põe em foco como referente imagético. Quando incorporadas ao fazer etnográfico, essas imagens reinscrevem um espaço urbano dotado de agência que emerge numa narrativa imagética confeccionada pela fotógrafa-etnógrafa e pelos demais sujeitos da pesquisa.

Para situar o lugar da fotografia de rua na construção de narrativas urbanas, é fundamental retornar ao momento histórico em que a rua moderna se consolida como espaço central da vida social. A partir de meados do século XIX, os intensos processos de urbanização das grandes cidades produziram alterações profundas nas formas de habitar, circular e experienciar o espaço urbano. É nesse cenário que a fotografia de rua emerge como prática estética e documental, acompanhando as metamorfoses da cidade e operando como uma forma sensível de apreender suas transformações. Como aponta Frehse (2002), a fotografia de rua se estabelece desde cedo como um meio singular de representar visualmente a urbe, articulando registro e interpretação ao expressar modos específicos de vivenciar, imaginar e construir a cidade no tempo.

Nos primeiros momentos dessa produção, contudo, a fotografia de rua esteve fortemente vinculada a uma narrativa desenvolvimentista, privilegiando os grandes marcos da modernização urbana como edifícios, avenidas, ferrovias e obras de infraestrutura como signos visuais do progresso. Ao longo do século XX, esse regime de visualidade passa por deslocamentos significativos, dando lugar a uma fotografia de rua mais atenta às práticas cotidianas, às experiências ordinárias dos sujeitos urbanos e às diferenças que se evidenciavam nos fluxos da urbe. Os elementos iniciais presentes nessas imagens fazem do cotidiano a matéria principal da fotografia de rua, aproximando-a de uma sensibilidade etnográfica. Nesse sentido, a cidade se afirma como um campo ativo de produção de sentidos, e a fotografia de rua, ao narrar visualmente a experiência urbana, produz visualidades que revelam formas de viver, sentir e significar o espaço urbano.

Assumir a fotografia de rua como prática etnográfica implica reconhecer sua potência metodológica e epistemológica. Trata-se de um fazer que se move entre arte e ciência, rigor analítico e invenção narrativa, convidando a antropóloga a caminhar com o pé na rua e a câmera na mão e

engajar-se em uma prática corporal e imagética que amplia as sensibilidades do trabalho de campo e abre espaço para formas outras de conhecer e representar a cidade. A fotografia de rua, neste horizonte, não ilustra a etnografia; a compõe, a tensiona e a reinventa, fazendo da experiência urbana um campo permanentemente aberto à imaginação antropológica.

O sujeito urbano constrói imagens mentais e sensoriais a todo instante, mas é na prática fotográfica que esse processo se intensifica e torna-se reflexivo. Fotografar a rua é um modo de aguçar a experiência urbana e torná-la consciente. O exercício imagético não apenas capta a cidade, mas também reorganiza o olhar de quem a habita, produzindo novas formas de perceber e narrar o urbano. Assim, a fotografia de rua atua como propulsora de visualidades, ativando um campo sensível no qual cidade e sujeito se co-constituem.

Quando pensamos a fotografia de rua na pesquisa etnográfica, o que está em jogo não é apenas a incorporação de um recurso técnico ao arsenal metodológico da antropologia urbana, mas também a ativação de um modo específico de experienciar, apreender e narrar a cidade. A urbe deixa de figurar exclusivamente como um campo a ser descrito pela escrita e passa a se oferecer como matéria sensível, imagética e imaginativa, convocando a pesquisadora a um regime ampliado de atenção. Fotografar a rua é, antes de tudo, um exercício de presença que exige deslocamento, escuta, suspensão do automatismo do olhar e disposição para ser atravessada pelas intensidades do espaço urbano. A imagem, nesse sentido, não emerge como simples registro do que se vê, mas como condensação de encontros, afetos, ruídos, silêncios e temporalidades que só se tornam perceptíveis no corpo-a-corpo com a cidade.

Produzir imagens na rua, portanto, não é apenas uma estratégia de entrada no campo, mas também um modo de permanência e de aprofundamento da experiência etnográfica. A imagem passa a ser mediadora da relação entre pesquisadora, cidade e sujeitos, instaurando uma narrativa que não se submete à linearidade textual. As fotografias urbanas pensam, evocam, sugerem; articulam memórias, sensações e movimentos humanos; funcionam tal como Samain (2012) definiu: instrumentos de memória dotados de emoção.

Não se trata, assim, de perguntar por que determinada imagem foi produzida, mas de interrogar como ela se conecta a outras imagens, como reverbera afetivamente, como organiza sentidos ao se associar a diferentes experiências urbanas. Deve-se interrogar também como a fotografia relaciona diferentes repertórios citadinos de distintos sujeitos e opera, assim, como dispositivo de alteridade a partir da visualidade. É nesse entrecruzamento que se manifesta o poder de ideação das imagens, pois sua capacidade de produzir pensamento ao se colocarem em relação é um fundamento gerador da relação com o Outro.

FOTOGRAFAR A RUA E REPRESENTAR O OUTRO: ELABORAÇÕES E PISTAS SOBRE ALTERIDADE E NARRATIVA IMAGÉTICA

Por entre as rotas, caminhos e trajetos que compõem as correrias ordinárias dos nossos corpos pela cidade, a mobilidade diária se configura enquanto uma das experiências cotidianas que mais interferem e afetam a vida urbana contemporaneamente (Jirón, 2007). As motricidades corporais que atravessam os contrastes dos espaços urbanos são responsáveis não somente por espacializar a cidade, mas também por formularem o fazer-cidade (Agier, 2015) dos sujeitos, repertórios que se configuram através da aprendizagem corporal sobre o urbano e das narrativas que surgem a partir das travessias cotidianas.

Piglia (2005) sugere que não há viagem sem narração, pois considera que as travessias urbanas não se esgotam nos trajetos e nos itinerários. Em vez disso, são produzidas e incorporadas principalmente por meio das narrativas que surgem a partir delas. Narrar a viagem é, então, um artifício de reconhecimento e compreensão da cidade, e a experiência urbana, formulada a partir do fazer-cidade, é confeccionada nas narrativas e nas diferentes representações oriundas dessas travessias.

A travessia urbana se efetiva plenamente quando narrada. O movimento do corpo pela cidade encontra sua práxis na circulação, mas circular pela cidade é não só um meio de deslocamento, mas também um dispositivo narrativo que se evidencia no sujeito ao refletir e dialogar sobre sua própria experiência urbana. Os elementos narrativos que surgem da experiência de circulação pela cidade acionam então aquilo que Certeau chama de “retórica da caminhada” (1994, p. 179). O autor afirma que se trata de um conjunto variável de modos de circular que organiza a experiência urbana e lhe confere sentidos múltiplos e formas de abstração variadas, premissa que abre espaço para pensarmos as diferentes possibilidades de construção e representação dessas retóricas.

Uma vez que afirmamos que o sujeito elabora visualidades sobre a cidade de forma constante, é plausível considerar que as imagens podem se configurar como representações subjetivas da experiência urbana, na qual o contato com a rua propulsiona representações imagéticas. Nesse contexto, as fotografias de rua podem emergir como artifícios centrais dessa narração, mobilizadas como operadores de alteridade entre as intersubjetividades que se encontram nos espaços urbanos.

Ao se debruçar sobre a cidade em sua dimensão ordinária e processual, a fotografia de rua produz formas singulares de representação da urbanidade que escapam às imagens totalizantes ou monumentalizadas do espaço urbano e buscam construir a cidade a partir de seus fluxos e fricções cotidianas. As imagens urbanas emergem então como um campo relacional atravessado por diferentes pessoas, presenças, ausências e disputas, evidenciam um universo representativo tão heterogêneo quanto os espaços urbanos e os sujeitos que os ocupam.

Cada fotografia se torna, assim, um fragmento narrativo capaz de condensar experiências urbanas específicas, fazendo da rua um lugar de enunciação visual onde corpos, objetos, movimentos e paisagens se articulam na produção de sentidos. Ao representar a cidade a partir de suas cenas ordinárias, a fotografia de rua evidencia a urbanidade como uma construção composta por múltiplas temporalidades e camadas de significado, nas quais o espaço urbano aparece como agente ativo na conformação das experiências sociais.

Se consideramos a fotografia de rua enquanto uma possibilidade de narração das travessias cotidianas do sujeito, é possível então pensar essas imagens enquanto representações imagéticas do fazer-cidade do sujeito, o que acentua a proposição de Gonçalves e Head (2009) ao sugerirem que as representações imagéticas são formas de conhecimento e modos de apresentação do Outro na etnografia. Aqui cabe ressaltar que pensamos o contexto de produção das fotografias de rua não como uma prática exclusiva do *métier* da antropóloga, mas como um exercício dinâmico e participativo que convida o sujeito de pesquisa a fotografar também, um modo legítimo de representar a si mesmo ao “assumir a condição de produtor de um discurso sobre si próprio” (Gonçalves e Head, 2009, p. 19).

O sujeito que produz sua própria representação deixa intuir seus pontos de vista, sua percepção sobre o mundo, as particularidades de sua experiência e, principalmente, a forma como deseja ser

representado e apresentado. Na produção fotográfica, essa representação cria uma materialidade imagética onde o sujeito se fotografa ou, no caso da fotografia de rua, fotografa fragmentos de sua experiência urbana, confeccionando a partir da imagem os aspectos constitutivos de sua própria realidade etnografada.

Não se trata de uma imagem que se limita a representar a cidade e o sujeito que nela circula de forma apenas documental. Trata-se de um gesto que participa ativamente da produção simbólica do urbano e, conseqüentemente, incide sobre as subjetividades e particularidades dispostas neste campo. A fotografia de rua passa a operar como um campo de elaboração conceitual no qual o sujeito citadino e seu fazer-cidade emergem como centro da representação. Um processo em que a alteridade se manifesta nas constantes negociações entre a fotógrafa-etnógrafa e os sujeitos da pesquisa, em que a cidade e os fenômenos urbanos representados se dão necessariamente através dos sujeitos que nela aparecem.

Fotografar a rua a partir não só do olhar da fotógrafa-etnógrafa, mas também dos sujeitos de pesquisa é uma possibilidade de criação e fabulação etnográfica que trata de compartilhar o processo de construção das representações do campo numa experiência de cocriação sobre algo que é igualmente da antropóloga e de seus interlocutores (Pandolfo, 1997), uma relação de alteridade que se designa através do devir-imagético da visualidade urbana. Entendido como um regime narrativo no qual a imagem não opera como simples representação de uma realidade previamente dada, mas como um processo em curso de produção de sentidos, o devir-imagético refere-se ao movimento pelo qual imagens, sujeitos, memórias e experiências se constituem mutuamente.

Nesse processo, a imagem deixa de ser compreendida como um registro passivo do mundo e passa a ser entendida como uma prática relacional, capaz de produzir encontros, mobilizar lembranças, reconfigurar percepções e suscitar novas formas de habitar e narrar o território. O devir-imagético emerge, portanto, da interação entre quem produz a imagem, quem a observa e os contextos sociais e afetivos que a atravessam, fazendo da fotografia e de outras formas visuais não apenas instrumentos de representação, mas agentes ativos na construção da experiência social.

Em outras palavras, o devir-imagético descreve o modo como as imagens participam da criação da realidade que retratam. Ao serem produzidas, compartilhadas, revisitadas ou restituídas aos interlocutores da pesquisa, elas não apenas mostram pessoas, lugares ou acontecimentos, mas também ativam memórias, reorganizam sentidos e produzem novas leituras sobre a cidade. Nesse sentido, o devir-imagético corresponde ao caráter processual e aberto das imagens, que se tornam espaços de negociação de memórias, afetos e experiências. Na fotografia de rua, esse devir se manifesta no próprio processo de apreensão da cidade, seja na circulação compartilhada pelos espaços urbanos, seja no gesto de olhar, enquadrar e fabular a cidade a partir de múltiplas perspectivas, fazendo da imagem um lugar de encontro entre diferenças.

A alteridade não é fixada nem traduzida de forma unilateral, de modo que fotografar a rua se torna um exercício de apresentação recíproca do eu e do outro, tendo a cidade como campo relacional e imagético em permanente transformação. Fotografar a rua não fixa a cidade, mas a reinscreve como espaço onde as intersubjetividades coexistem e são atravessadas por encontros e disputas de sentido. O ato fotográfico não encerra a experiência urbana, mas a prolonga como forma de estranhamento. O devir-imagético permite, assim, repensar a alteridade como parte integrante do ato de fotografar e de construir a representação. Em vez de reduzir o Outro a uma categoria analítica, essa perspectiva reconhece sua potência de representação e de fabulação de si, entendendo que os mundos socioculturais se constituem no próprio momento em que são narrados e experienciados.

É nesse horizonte que a fotografia compartilhada adquire centralidade teórica e metodológica. Mais do que uma técnica participativa, trata-se de um deslocamento epistemológico que reconhece os interlocutores etnográficos como agentes ativos na produção das imagens e dos sentidos que delas emergem. A imagem deixa de falar sobre o Outro para falar com ele, instaurando uma zona de contato onde diferentes regimes de visibilidade se cruzam. Ao deslocar a centralidade do sujeito que enuncia, a fotografia de rua produzida coletivamente radicaliza a discussão sobre alteridade, que só se instaura plenamente quando a pesquisadora aceita tornar-se também “Outra” para seus interlocutores, dissolvendo a oposição rígida entre quem representa e quem é representado.

Na fotografia de rua compartilhada, a cidade, os corpos e as narrativas se transformam no encontro, fazendo da imagem um espaço em que apresentação e representação se confundem de forma produtiva. O devir-imagético, nesse sentido, sustenta uma concepção de alteridade fundada na relação, na coprodução e no movimento, abrindo espaço para narrativas urbanas nas quais cidade, experiência e imagem permanecem num permanente devir.

VIVÊNCIA, PARTILHA E CRIAÇÃO: FOTOGRAFIA DE RUA E ALTERIDADE NA PESQUISA E EM SALA DE AULA

As experiências narradas a seguir configuram dois momentos distintos, porém profundamente articulados, de experimentação da fotografia de rua como prática etnográfica e como linguagem de produção de conhecimento antropológico. Uma das fotografias foi produzida no âmbito de uma pesquisa de mestrado sobre a circulação cotidiana de mulheres pela cidade de Maceió; a outra, durante experiência docente junto à disciplina de graduação “Iniciação à Fotografia” ofertada ao curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Embora desenvolvidas em contextos diferentes¹, ambas convergem para o mesmo horizonte metodológico e epistemológico de compreender a imagem não como um recurso auxiliar da pesquisa, mas como forma de conhecer e narrar ambiências urbanas e produzir reflexões sobre prática etnográfica e conhecimento antropológico. Em ambos os casos, a fotografia se desloca da função documental para assumir um papel ativo na construção da experiência etnográfica, constituindo-se como um dispositivo de encontro, interlocução e criação compartilhada de sentidos sobre a vida urbana.

No primeiro caso, a fotografia surgiu como parte integrante do próprio fazer etnográfico. Desenvolvida junto a mulheres que residiam na parte alta de Maceió e circulavam cotidianamente pela parte baixa da cidade, a pesquisa de mestrado incorporou a produção compartilhada de fotografias de rua como estratégia metodológica para acompanhar os percursos urbanos das interlocutoras. As imagens foram produzidas durante deslocamentos em ônibus, pontos de parada, caminhadas, travessias e demais situações ordinárias que conformavam seus trajetos cotidianos. Mais do que registrar essas experiências, interessava-nos construir, por meio da fotografia, uma forma de acompanhar os modos pelos quais essas mulheres percebiam, narravam e significavam a cidade durante seus deslocamentos. A câmera, assim, tornava-se um dispositivo de produção compartilhada de conhecimento sobre a cidade.

1 Em ambos os casos relatados, nós acompanhamos e participamos juntas dos processos de produção antropológica em torno da fotografia de rua, sendo Luciana e Júlia, respectivamente, na pesquisa de mestrado orientadora e orientanda, e na disciplina de Introdução à Fotografia docente e estagiária docente.

A ideia consistia em fotografar durante as travessias, utilizando prioritariamente a câmera do celular, registrando lugares, situações, cenários e acontecimentos destacados pelas interlocutoras como elementos significativos de seu cotidiano: um ônibus lotado, uma esquina evitada por medo e insegurança, um ponto de espera, uma paisagem observada pela janela, um local de trabalho ou um espaço carregado de afetos e memórias. Após apresentar a proposta de produzir imagens sobre aquilo que as pesquisadoras julgavam importante em suas experiências de circulação pela cidade, a fotografia de rua transformou-se em um instrumento de interlocução e produção etnográfica conjunta. Mais do que produzir registros, o exercício permitia que as próprias interlocutoras definissem o que deveria ser visto, fotografado e compartilhado, deslocando parte da construção etnográfica para seus próprios olhares e experiências.

Figura 1 – “A foto da foto”, fotografia compartilhada em campo.



Fonte: à esquerda, imagem da interlocutora tirando uma foto do ponto onde costuma aguardar seu ônibus no trajeto do trabalho para casa. À direita, a fotografia feita pela própria interlocutora.

A foto da esquerda, produzida pela antropóloga Julia Maria Paredes, mostra o momento em que uma das interlocutoras enquadra, com a câmera de seu celular, o ponto de ônibus onde ambas aguardavam a condução para retornar para casa. A imagem da direita corresponde ao enquadramento realizado pela interlocutora naquele instante. Mais do que documentar um mesmo cenário urbano, essas fotografias revelam o próprio processo de construção compartilhada da narrativa imagética.

Enquanto uma imagem registra o gesto de fotografar, a outra materializa o resultado desse gesto, produzindo um jogo de reflexividades no qual pesquisadora e interlocutora tornam-se simultaneamente observadoras, produtoras de imagens e participantes da mesma experiência etnográfica. A espera pelo ônibus, a iluminação noturna, o semáforo fechado, os transeuntes dispersos e a atmosfera ordinária da rua deixam de construir apenas o cenário da pesquisa e tornam-se elementos por meio dos quais diferentes olhares passam a construir narrativas sobre um mesmo acontecimento.

Frequentemente, fotografias que pareciam retratar situações banais desencadearam longas conversas sobre trabalho, medo, cansaço, pertencimento, lazer e desigualdade urbana. As imagens ativaram memórias e produziram novas interpretações sobre trajetos já percorridos inúmeras vezes pelas interlocutoras em seus ritmos cotidianos. Em vez de encerrar significados, elas os multiplicavam. Era justamente nesse movimento de abertura que se manifestava o potencial etnográfico das imagens

que não apenas mostravam a cidade, mas também participavam da produção de saberes sobre esta. Foi a partir de situações como essa que começamos a compreender e elaborar o devir-imagético dessas imagens que surgiam no fluxo da experiência compartilhada de fotografar a cidade.

As fotografias condensavam não apenas o que estava diante das câmeras, mas também as conversas, os afetos, os silêncios, as negociações e as diferentes perspectivas mobilizadas durante os percursos. No caso dessas duas imagens, o que se produz não é apenas um registro da espera pelo transporte público, mas também uma representação visual da própria relação etnográfica. A antropóloga fotografa a interlocutora fotografando, enquanto a interlocutora produz sua própria narrativa daquele mesmo espaço. Entre uma imagem e outra, constitui-se um campo relacional no qual ambas deixam de ocupar posições fixas de quem observa e de quem é observada para tornarem-se coautoras de uma mesma experiência visual.

Experiência semelhante, embora desenvolvida em um contexto distinto, ocorreu durante a disciplina Iniciação à Fotografia, ofertada a estudantes de Antropologia do Campus IV da UFPB. A proposta era familiarizar-se, de forma coletiva, com equipamentos fotográficos, inicialmente em sala de aula e, na sequência, experimentar diferentes ângulos, enquadramentos, luzes e sombras fora do espaço fechado da universidade, na praça central da cidade de Rio Tinto, localizada no litoral norte da Paraíba e ao lado do Campus IV.

A experimentação da fotografia de rua como linguagem de produção de conhecimento antropológico se materializa nas práticas fora da sala de aula de forma coletiva e colaborativa, constituindo-se como um dispositivo de encontro, interlocução e criação de sentidos sobre a vida urbana. Cada clique apresenta-se como uma descoberta, sendo compartilhado com as colegas que comentavam animadas estas e outras possibilidades de olhar para a urbe e que se misturavam com as suas próprias vivências com a cidade.

As imagens produzidas acionavam novas interpretações sobre produção imagética de forma ampliada ao mostrar trajetos que marcavam os dias para se chegar à Universidade, mas agora participando do seu registro em movimento, no fluxo da experiência compartilhada de fotografar a rua. As fotografias eram mais do que imagens fixadas na câmera; eram olhares, compartilhamentos e estranhamentos; diferentes formas de registrar os percursos na prática fotográfica em relação.

Figura 2 – “Vivências e Partilhas”, criação compartilhada da fotografia.



Fonte: à esquerda, imagem de alunas em sala de aula manipulando a câmera fotográfica e descobrindo juntas as possibilidades de suas funções no Modo Manual; foto tirada por uma das professoras. À direita, a fotografia é feita por uma aluna registrando o momento da aula na praça central da cidade de Rio Tinto/PB.

Ao aproximarmos essas duas experiências, nosso objetivo não é estabelecer uma comparação entre pesquisa e ensino, mas evidenciar como ambas foram atravessadas por um mesmo entendimento da prática fotográfica enquanto exercício relacional. Seja acompanhando interlocutoras em seus deslocamentos cotidianos pela cidade, seja conduzindo estudantes em suas primeiras experiências de observação fotográfica dos espaços urbanos, fotografar significou aprender a olhar antropológicamente, produzir narrativas coletivas e construir imagens que não apenas representam o mundo social, mas também participam ativamente de sua elaboração. Em ambos os contextos, a câmera deixou de ocupar o lugar de um instrumento destinado à captura de uma realidade previamente existente para tornar-se uma mediadora das relações estabelecidas em campo, instaurando situações de diálogo, negociação, experimentação e criação compartilhada.

As imagens emergiam no próprio encontro entre sujeitos, olhares e percursos, produzindo novas possibilidades de interpretação. É precisamente nesta dimensão processual da imagem que o devir-imagético se configura em movimento por meio do qual fotografias, sujeitos, memórias e experiências passam a constituir-se mutuamente ao longo do fazer etnográfico. A imagem deixa, assim, de ser concebida como evidência de um real exterior para assumir a condição de acontecimento, coadunando sentidos que permanecem abertos, provisórios e continuamente reelaborados nas relações que a atravessam.

Em última instância, essas experiências também reafirmam a fotografia como um exercício de alteridade. Ao compartilharmos a produção das imagens, deslocamos igualmente a autoridade sobre quem olha e sobre aquilo que pode ser visto, reconhecendo os sujeitos não como meros participantes da pesquisa ou do processo de aprendizagem, mas como produtores de narrativas e interpretações sobre seus próprios mundos. É instaurado um espaço de copresença e coautoria, no qual o conhecimento antropológico é construído a partir de representações imagéticas elaboradas com o Outro, e não sobre o Outro.

Mais do que um procedimento metodológico, trata-se de uma postura epistemológica que reconhece a alteridade como condição constitutiva da produção do conhecimento antropológico. O devir-imagético manifesta-se justamente nessa abertura ao encontro, pois é na interlocução entre diferentes olhares, experiências, sensibilidades e formas de habitar a cidade que as imagens deixam de pertencer exclusivamente a quem fotografa para tornar-se territórios comuns de negociação, imaginação e criação compartilhada de sentidos. É nesse movimento que a fotografia de rua revela sua potência antropológica, pois ao mesmo tempo em que documenta relações, também as produz, fazendo emergir formas de conhecimento que se constituem na reciprocidade da experiência etnográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos refletir sobre as potencialidades teóricas e metodológicas da fotografia de rua quando incorporada à prática etnográfica em contextos urbanos, articulando-a a uma concepção relacional de alteridade e à noção de devir-imagético. Argumentamos que a cidade não se apresenta à antropologia como um objeto estável ou plenamente apreensível, mas como um espaço processual continuamente produzido pelas narrativas e práticas dos sujeitos citadinos.

Nesse cenário, a etnografia urbana se vê desafiada a repensar seus modos de aproximação, suas linguagens e suas formas de narrar o Outro, sobretudo diante de experiências marcadas pela mobilidade e pelos regimes de visibilidade. A etnografia de rua se mostrou um exercício privilegiado

de implicação sensível com a cidade ao assumir o deslocamento corporal como princípio metodológico e a circulação cotidiana como campo de produção de sentidos. Ao inserir a câmera nesse processo, a fotografia de rua intensifica esse regime de atenção e instaura um modo específico de presença no campo no qual o ato de fotografar opera um gesto narrativo.

Defendemos a ideia de pensar a imagem a partir do devir-imagético, o que implica compreendê-la como um processo em curso. As fotografias de rua não encerram significados, mas permanecem abertas, atravessadas por usos, leituras e reinscrições que se transformam no tempo. Essa condição processual é o que aproxima a imagem da própria experiência urbana. A cidade, assim como a imagem, está sempre em devir: nunca totalmente dada, nunca plenamente concluída, sempre em transformação. Nesse horizonte, a fotografia de rua não apenas representa a cidade e o sujeito, mas também participa de sua produção simbólica, fabricando visualidades que narram o urbano em sua complexidade sensível e em sua condição permanente de transformação.

A alteridade, eixo transversal do artigo, foi compreendida não como atributo fixo do Outro, mas como uma relação produzida na própria experiência etnográfica. Em contextos urbanos, ela se constrói na proximidade, na copresença e na negociação contínua de sentidos que atravessam o compartilhamento dos espaços da cidade. A fotografia de rua explicita essa condição relacional ao tornar visível a implicação do corpo da fotógrafa-etnógrafa no campo e ao evidenciar que toda imagem é resultado de um encontro situado.

Cada fotografia condensa escolhas, recusas, afetos e acasos que constituem a experiência urbana do sujeito e inscrevem o ato fotográfico como prática social atravessada por relações, e não como algo isolado ou meramente técnico. Tendo isso em vista, a fotografia compartilhada mostrou-se central para aprofundar a reflexão sobre alteridade e agência, uma vez que, ao envolver os interlocutores na produção das imagens, desloca-se a centralidade do olhar antropológico e se reconhece a potência dos sujeitos da pesquisa como agentes de representação e fabulação de si.

Concluimos, assim, que a articulação entre etnografia de rua, fotografia de rua e devir-imagético oferece caminhos potentes para pensar a alteridade em contextos urbanos não como algo a ser capturado ou estabilizado, mas como relação viva, construída no movimento, no encontro e na coprodução de imagens e narrativas.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011. 216 p.
- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015. DOI: 10.1590/0104-93132015v21n3p483. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/wjf-G33S5nmwwjb344NF3s8s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar 2026.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano, artes de fazer**. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994. 352 p.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Eds.). **Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography**. São Francisco: University of California Press, 1986. 306 p.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Anna Luiza Carvalho da. (Orgs.). **Etnografia de rua**: estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. 296 p.
- FABIAN, Johannes. **Time and the Other: How Anthropology Makes Its Object**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1983. 205 p.
- FREHSE, Fraya. Através da fotografia de rua, uma antropologia da rua no Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862-1887, de Militão de Azevedo. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 14, p. 35-62, 2002.
- GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott. (Orgs.). **Devires imagéticos**: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. 308 p.
- JACQUES, Paola Bereinstein. Experiência errática. **Redobra**, Salvador, n. 9, p. 192-204, 2012. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Experiencia-erratica.pdf. Acesso em: 13 out 2025.
- JIRÓN, Paola M. Implicancias de género en las experiencias de movilidad cotidiana urbana en Santiago de Chile. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, Caracas, Venezuela, v. 12, n. 29, p. 173-198, 2007. Disponível em: https://saber.ucv.ve/ojs/index.php/rev_vem/article/view/2166/2061. Acesso em: 10 jan 2026.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfv-VWbkbsfQD7yt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan 2026.
- MARCUS, George Emanuel; CUSHMAN, Dick. Ethnographies as Texts. **Annual Review of Anthropology**, v. 11, p. 25-69, 1982. DOI:10.1146/annurev.an.11.100182.000325.
- PANDOLFO, Stefania. **Impasse of the Angels: Scenes from a Moroccan Space of Memory**. Chicago: University of Chicago Press, 1997. 389 p.
- PIGLIA, Ricardo. **Respiração artificial**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005. 200 p.
- SAMAIN, Etienne. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. 240 p.
- STRATHERN, Marilyn. Out of context: The Persuasive Fictions of Anthropology. In: MANGANARO, Marc. (Ed.). **Modernist Anthropology: from fieldwork to text**. United Kingdom: Princeton University Press, 1990. p. 80-130.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978. p. 36-46.

Abstract
Key-Words

The Other, The Urban, and the
Imagetic: Notes About Image And
Alterity in the Shared Practice of Street
Photography

Abstract

This article proposes a reflection on the articulation among ethnography, street photography, and alterity in urban contexts. Drawing on the field of urban studies, it discusses the city as a processual space, continuously produced through everyday practices, movements, and narratives of the subjects who inhabit it. By incorporating street photography as an ethnographic sensibility, the image operates not merely as a record of the urban, but as a narrative language of fabulation capable of producing shared meanings and experiences. Based on the notion of the imagetic becoming, the article analyzes photography as an open process, traversed by imagination, agency, and contingency, in which alterity is constructed in the relationship among the researcher, interlocutors, and the city. Finally, it emphasizes shared photography as an epistemological shift that expands modes of representing the Other and challenges traditional hierarchies, proposing the image as a space of narrative co-production and ethnographic experience.

Keywords: urban ethnography; street photography; alterity; imagetic becoming

Resumen
Palavras Clave

El Otro, lo Urbano y lo Imagético:
Notas Sobre Imagen y Alteridad en la
Práctica Compartida de la Fotografía
de Calle

Resumen

Este artículo propone una reflexión sobre la articulación entre etnografía, fotografía de calle y alteridad en contextos urbanos. Partiendo del campo de las urbanidades, se discute la ciudad como un espacio procesual, continuamente producido por las prácticas cotidianas, los desplazamientos y las narrativas de los sujetos que la habitan. Al incorporar la fotografía de calle como una sensibilidad etnográfica, la imagen no actúa únicamente como registro de lo urbano, sino también como un lenguaje narrativo de fabulación capaz de producir sentidos y experiencias compartidas. A partir de la noción de devenir-imagético, se analiza la fotografía como un proceso abierto, atravesado por la imaginación, la agencia y la contingencia, en el cual la alteridad se construye en la relación entre la investigadora, los interlocutores y la ciudad. Por último, se enfatiza la fotografía compartida como un desplazamiento epistemológico que amplía las formas de representación del Otro y tensiona las jerarquías tradicionales, proponiendo la imagen como un espacio de coproducción narrativa y de experiencia etnográfica.

Palabras clave: etnografía urbana; fotografía de calle; alteridad; devenir-imagético

Histórico

Recebido: Janeiro/26

Primeiro Parecer: Maio/26

Segundo Parecer: Maio/26

Terceiro Parecer: Junho/26

Aceito: Junho/26

Revisão Gramatical/Ortográfica e ABNT: Julho/26

Revisado Autor: Agosto/26

Publicado: Setembro/26

Equipe Editorial Revista TOMO envolvida no processo editorial deste artigo

Marina de Souza Sartore (Editora-chefe)

Laura Cintra (Editora Assistente Júnior)

Contato: revistatomo@gmail.com